

O Combate da Rua da Passagem



Juvêncio Lemos

Havia uma conspiração para derrubar o Governo. Uma mistura do patriótico e delirante florianismo com vulgares interesses e vaidades.

Vinha mesmo a calhar, e tinha que ser aproveitada, aquela reação popular contra a vacinação obrigatória – o centro da cidade estava em polvorosa – instigada por líderes demagogos e irresponsáveis, escudados “cientificamente” na doutrina positivista.

Florianismo e Positivismo embriagavam os alunos da Escola Militar que, na tarde de 14 de novembro de 1904, ocupavam o velho prédio da Praia Vermelha, aguardando os chefes que os comandariam na revolta em armas, seguida da deposição do presidente Rodrigues Alves e instalação de uma saudável ditadura militar no Brasil.

Encerrada uma rápida reunião dos cabeças da conspiração no Clube Militar, o general Silvestre Travassos, um experiente soldado, e o tenente-coronel Lauro Nina Sodré e Silva, senador da República, se tocaram para a Praia Vermelha. De bonde. Lá chegaram pouco depois das 17h, sendo entusiasticamente recebidos pelos alunos, já em clima de aberta sublevação.

Travassos – um tipo elegante, alto, basta e bem tratada cabeleira, envergando alinhado uniforme de sobrecasaca preta – encontrou o comandante da Escola, general José Alípio de Macedo da Fontoura Costallat, no pátio do quartel. Sem rebuços, lhe disse: “General, em nome da mocidade militar revoltada, assumo o comando desta Escola.”

Costallat tentou argumentar, mas, junto com três oficiais que a ele se mantiveram fiéis¹, foi educadamente colocado em um bonde e despachado para o Ministério da Guerra.²

A um grupo de alunos que o aplaudiu, Travassos cometeu breve peroração, que se encerrou com um chamamento: “A Pátria exige mais um sacrifício da mocidade militar.” Em seguida, determinou que os poucos descontentes se retirassem imediatamente do estabelecimento, sem serem hostilizados.³ E ordenou a formatura geral dos alunos, em ordem de marcha, na frente da Escola.

Enquanto os alunos se mobilizavam para a formatura, e para tanto foi necessário arrombar as reservas de armamento, o general Travassos tomou providências ditadas por sua experiência militar. Despachou um escaler tripulado por três alunos para o Forte São João, para buscar uma prometida munição; mandou ativar a artilharia da Escola; e enviou um pelotão de alunos, comandado pelo tenente Sotero de Menezes, a ocupar o morro do Botafogo, a fim de cobrir o flanco direito da programada marcha na direção do Catete contra qualquer ação governista vinda daquela praia.

Só então ficou o general sabendo que as peças de artilharia da Escola serviam apenas como adorno ao prédio. Muito mal e porcasmente conseguiu-se disponibilizar uma velha



Escola Militar da Praia Vermelha



Pão de Açúcar visto do alto do Corcovado (entre 1880 e 1890), de Marc Ferrez. Domínio Público. Acervo do Instituto Moreira Salles

peça 75, tiro lento (TL). E mesmo assim não havia cavalos ou muares para tracioná-la. Com presteza, Travassos despachou uma patrulha às pedreiras da Urca e Botafogo, para requisitar trabalhadores portugueses que lá suavam. Se tinham força para quebrar pedras, teriam para puxar o canhão com tirantes de cabo. E assim foi feito.

¹ Tenentes José Narciso da Silva Ramos, João Torres Cruz e João Gomes Ribeiro Filho.

² O serviço de bondes urbanos no Rio de Janeiro começou experimentalmente em 1859. Para alegria dos muares, no ano de 1892, teve início a eletrificação das linhas.

³ Tenentes Antônio José da Silva Câmara, Felipe Benício de Souza, Francisco Florindo da Silva Ramos, João Manuel de Faria, João Príncipe da Silva, José Fernandes Leite de Castro. Alferes-alunos Delmiro Buys de Barros, Estevão Leitão de Carvalho, João Baptista Mascarenhas de Moraes, João Cândido Pereira de Castro, Raul Correia Bandeira de Mello.

Outro problema: a maioria dos alunos do 1º ano nunca havia posto as mãos em uma arma. Travassos ordenou que uma emergencial instrução de tiro lhes fosse ministrada. Tais disparos alarmaram a Escola até que fossem explicados.

Bem ou mal, pelas 21h a tropa estava formada na frente da Escola Militar da Praia Vermelha. Coisa de 300 homens, as frações comandadas por alunos do 3º ano e enquadradas pelos oficiais da Escola. Organizada taticamente em três companhias de infantaria completas e uma incompleta, apoiadas por um canhão com “tração lusa”. Portava bandeira o alferes-aluno Francisco Horta Barbosa, ao lado do qual se postou, montado, o senador Lauro Sodré.

Parecia que tudo estava indo muito bem. Contudo, um observador mais atilado sentiria que os alunos estavam em clima de “oba-oba”, alegres e confiantes demais, não acreditando que haveria combate de verdade e que ganhariam aquela guerra no grito.

Chegaram más notícias. Não mais poderiam contar com um reforço vindo do Realengo, pois um esperado levante naquela guarnição fora abortado. Nem receberiam a prometida munição vinda do Forte de São João, pois o escaler para lá despachado fora aprisionado pela guarnição do Forte.

Contudo, o general Travassos viu que não era hora de recuos. Mesmo com pouca munição e sem a certeza de reforços, decidiu prosseguir na ação. Montou em um cavalo tordilho claro, pôs-se à frente da tropa formada em coluna por quatro e deu início à marcha na direção do Palácio do Catete. Seriam então 22h.

Itinerário a seguir: avenida costeira à praia da Saudade (atual Avenida Pasteur), Rua General Severiano, Rua da Passagem, praia de Botafogo, Catete.



Mapa da Marcha

Arte: Esther Machado

Observação: na época, a única maneira de, partindo do centro da cidade, chegar à zona sul, e vice-versa, era pela praia de Botafogo, contornando o morro de Botafogo (o que sobrou atualmente é chamado de morro do Pasmado) pela Rua da Passagem. Uma passagem obrigatória. Mas não é por isso que a rua, originariamente chamada de Caminho do Pasmado ou Caminho de Copacabana, tem esse nome. Trata-se de uma homenagem à vitória brasileira na passagem de Humaitá, na Guerra do Paraguai.

Chegado ao Ministério da Guerra, o general Costallat deu conta de tudo o que havia acontecido na Praia Vermelha ao ministro da Guerra, general Francisco de Paula Argollo, que imediatamente deslocou-se para o Palácio do Catete, onde já se encontravam reunidos com o presidente os demais ministros e alguns parlamentares.

O presidente havia sido aconselhado pelo ministro da Marinha a recolher-se a bordo de um navio da Armada, mas repetiu a sugestão: “Aqui é o meu lugar e dele só sairei morto.”

Foi então organizado na correria um destacamento para enfrentar os revoltosos. Uma força heterogênea, com base no 1º Batalhão de Infantaria, comandado pelo coronel Pedro Paulo da Fonseca Galvão, mais outros elementos esparsos de infantaria, um esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria e alguma tropa da polícia. Até bombeiros foram incluídos nessa força, cujo comando-geral foi confiado ao general Antônio Carlos da Silva Piragibe, comandante da Brigada Policial.

Deve ser dito que o general Piragibe, cearense, era um valoroso veterano da Guerra do Paraguai, famoso por seu destemor e coragem pessoal. Um bravo.

Esse destacamento movimentou-se meio em clima de desordem na direção da Praia Vermelha. Saindo do Catete, passou pelo Largo do Machado, prosseguiu pela Rua Marquês de Abrantes e alcançou a praia de Botafogo.

Quando a sublevada coluna da Escola Militar alcançou a Rua General Severiano, a ela se juntou o pelotão do tenente Sotero, aquele que havia sido destacado para cobrir o seu flanco direito.

Até aí o moral da tropa escolar estava excelente. Todavia, a progressão na Rua General Severiano alterou o espírito confiante dos revoltosos. Escuridão, chuva fina. A sensação de estar fazendo algo muito errado. O cansaço e a tensão começaram a cobrar o seu preço e a tropa perdeu seu élan. O ânimo deu sinais de fraquejar. Um dos participantes dessa marcha escreveu que

ela passou a ter “... o aspecto lúgubre de um préstito funerário”.

Finalmente a coluna alcançou a Rua da Passagem. Seriam 22h30. Quando a testa atingiu a esquina da Rua General Polidoro, recebeu ordens de parar. As informações eram de que pela praia de Botafogo avançava uma numerosa força legalista. Era a tropa do general Piragibe.

O general Travassos mandou o alferes-aluno João Silvestre Cavalcanti, que atuava como seu ajudante de ordens, avançar e parlamentar com o inimigo. O rapaz foi recebido com uma saraivada de tiros, escutada por todos. Ferido, retornou a galope desenfreado pela Rua da Passagem, atropelando a coluna até cair morto no calçamento junto à 3ª Companhia. E foi só então que os alunos se convenceram de que estavam em uma guerra para valer.

O general Travassos ordenou que as companhias tomassem posição de combate nos meios-fios das calçadas. A ordem para o canhão avançar não foi cumprida, porque os portugueses, que não tinham nada a ver com isso, desertaram.

A tropa legalista do general Piragibe, enfiando a Rua da Passagem, produziu uma descarga “... cerrada e rasante...”, respondida à altura pelos alunos. Foi um tiroteio a esmo, descontrolado, em que o risco de ser atingido pelos contrários era igual ao de ser atingido pelo fogo amigo.

O general Travassos foi atingido com um tiro na perna esquerda, que o mataria alguns dias depois. Caiu gritando para que as posições fossem mantidas. Seu cavalo morreu na hora. O senador Lauro Sodré sumiu.

Escuridão total, com a descarga mútua instalou-se um pânico geral, com debandada completa em ambos os lados.

*“Aqui
é o meu
lugar e
dele só
sairei
morto.”*

Rodrigues Alves



Charge de Angelo Agostini, mostra o general Silvestre Travassos, um dos conspiradores da Escola Militar da Praia Vermelha, ferido mortalmente enquanto os soldados revoltosos fogem, e o general Piragibe, comandante da Brigada Policial, lidera as forças oficiais.

Os alunos da Escola Militar retraíram em confusão para a Praia Vermelha. Estavam apavorados, sem moral, sem munição e sem comando.

Na tropa do general Piragibe praticamente só restou o próprio. “Até o estado-maior desse oficial pôs-se em fuga, precipitadamente, com receio dos alunos que, entretanto, já não tinham direção nem objetivo.”⁴ Nada mais restou ao valoroso Piragibe que voltar ao Catete. No caminho custou a acreditar no que via. “Armas atiradas à rua, quase inutilizadas, soldados em marcha violenta, ainda assombrados, outros galgando atropeladamente os bondes que passavam para a cidade e outros, por fim, denunciados pelos garotos, imersos até o pescoço, nas águas da enseada do Botafogo...”⁵

O general Piragibe chegou ao Catete com meia dúzia de homens. Atônito, não sabia explicar o que havia acontecido. Indig-

nado, disse que a sua força havia debandado e que se queriam que ele combatesse, que lhes dessem soldados de verdade e boas armas.

Enfim, esse foi o combate da Rua da Passagem, que durou cerca de meia hora.

A madrugada foi angustiante na Escola Militar da Praia Vermelha, sob os fachos de holofotes e mira dos canhões de navios da Marinha.

Rendeu-se incondicionalmente na chuvosa alvorada do dia seguinte.

A Escola foi definitivamente extinta, todos os seus alunos presos e posteriormente expulsos do Exército.

Contudo, brasileiroamente, anistiados pouco tempo depois. Muitos retornaram ao Exército, completando seus cursos na Escola de Guerra de Porto Alegre-RS.

⁴ Barreto, Dantas – “Conspirações”, p. 26.

⁵ Barreto, Dantas – “Conspirações”, p. 27.

Juvêncio Saldanha Lemos

Coronel do Exército Brasileiro, advogado, historiador e escritor. É Membro-Efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/Rio Grande do Sul-HIMTB/RS e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul-IHGRGS. Autor de obras como “Os Mercenários do Imperador”, “A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)”; “A saga no Prata”; “Brummers: a Legião Alemã contratada pelo Império Brasileiro em 1851”; “Dever Secreto”; “Memórias do Coronel”.